

# **A HIPERMODERNIDADE EM JOGO: EXPERIÊNCIAS HUMANAS, ESPETACULARIZAÇÃO E CONSUMO NOS JOGOS OLÍMPICOS DE PARIS 2024.**

Cláudia Xavier Correa- Faculdade de Educação Física e Desportos -FAEFID/UFJF  
[cxcorrea@yahoo.com.br](mailto:cxcorrea@yahoo.com.br)

Valentina Xavier Ribeiro- Faculdade de Educação Física e Desportos -FAEFID/UFJF  
[vxvvalentina@gmail.com](mailto:vxvvalentina@gmail.com)

Maria Luísa Ávila da Costa- Faculdade do Desporto da Universidade do Porto- FADEUP  
[mlcosta@fade.up.pt](mailto:mlcosta@fade.up.pt)

## **Resumo:**

Este trabalho investiga as experiências humanas observadas nos Jogos Olímpicos de Paris 2024 à luz do referencial teórico da hipermodernidade, conceituada por Gilles Lipovetsky por uma fase de individualismo, de hiperconsumo e pela centralidade do espetáculo como estrutura organizadora da experiência social. O estudo interroga se a lógica hipermoderna, ao reconfigurar as formas de experiência de participação nos Jogos Olímpicos, representa apenas uma transformação experiencial, isto é, uma mudança superficial nas formas de vivenciar o evento, ou se redefine o próprio sentido do desporto enquanto celebração partilhada, colocando em causa, ou reinterpretando, o ideário olímpico de Pierre de Coubertin, que propunha o esporte como ferramenta de aperfeiçoamento humano e união entre os povos. Nesta perspectiva, a transformação observada não é interpretada unilateralmente como perda de valores originais, mas como indício da vitalidade e capacidade de ressignificação do Movimento Olímpico, ainda que tal processo converta a própria experiência em mercadoria. A participação nestes prazeres hipermodernos é agora uma dimensão constitutiva da vivência contemporânea de um megaevento desta magnitude. Contudo, a análise filosófica proposta no trabalho procura equilibrar essa atualização natural com uma reflexão crítica sobre o que se ganha e o que se perde nesse processo. Para além da observação participante realizada em espaços como o Hotel de Ville, a Casa Brasil e o Le Parc des Jeux, a abordagem é hermenêutico-crítica, interpretando os dados empíricos sob o conceito de hipermodernidade e articulando-os com uma análise conceitual e histórico-interpretativa do ideário de Coubertin. Deste modo, os fenômenos observados não são meramente descritos, mas problematizados quanto ao seu significado, confrontando práticas contemporâneas com os fundamentos simbólicos e normativos do projeto olímpico. A investigação registou evidências de uma lógica de aceleração tecnológica e personalização, onde a infraestrutura de hiperconectividade paradoxalmente fragmenta a atenção do espectador, diluindo o evento contínuo em momentos isolados e consumíveis. A experiência olímpica extrapolou a assistência às competições, transformando-se numa plataforma para a performatividade do próprio espectador: o uso de simuladores de realidade virtual e a busca pela *selfie* perfeita tornaram-se produtos mais valiosos do que o acompanhamento das disputas desportivas. Tal fenómeno ilustra como a participação nos prazeres hipermodernos constitui dimensão estruturante da vivência contemporânea do megaevento, expondo a tensão entre o discurso oficial de sustentabilidade e união e a prática do hiperconsumo. Conclui-se que os Jogos de Paris 2024 revelaram uma ambiguidade persistente entre a sedução do espetáculo e a busca, sempre instável, por celebrar o jogo e o encontro desportivo enquanto tais. A transformação experiencial identificada, marcada pela espetacularização e mercantilização da vivência, não implica necessariamente o esvaziamento completo do sentido normativo do desporto, mas tensiona suas bases simbólicas, recolocando a questão sobre o que significa, na hipermodernidade, celebrar o ideal olímpico.

**Palavras-chave:** Hipernodernidade; Jogos Olímpicos Paris 2024; Experiência; Observação Participante; Filosofia do Desporto.